



A crítica na mudança dos paradigmas da apreciação musical do século xx

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Maria Aparecida dos reis Valiatti Passamae

Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ – aparecidavaliatti@hotmail.com

Resumo: A crítica de arte sempre suscitou controvérsias. De grande relevância para a cultura brasileira foi o embate entre a crítica dita conservadora e os defensores do movimento que culminou com a Semana de Arte Moderna de 1922. Como “não há história sem crítica e sem espírito seletivo”, que só se justifica sob o signo da qualidade, este trabalho pretende analisar as diferentes concepções da qualidade artística no Brasil sob dois pontos de vista paradigmáticos na década de 1920: de um lado a visão de Oscar Guanabrinho e de outro, a visão dos modernistas.

Palavras-chave: Crítica de arte. Paradigmas da qualidade. Oscar Guanabrinho. Modernismo.

The Criticism in the Changing of Paradigms of Musical Appreciation on the Twentieth Century

Abstract: Art criticism has always caused controversy. It was of great relevance to the Brazilian culture the clash between the called conservative critics and the defenders of the movement that culminated in the Semana de Arte Moderna (Modern Art Week) in 1922. As we have "no history in the absence of criticism and selective spirit" which can only be justified under the quality sign, this paper discusses the different conceptions of artistic quality in Brazil from two points of paradigmatic views in the 1920s: on one side the Oscar Guanabrinho vision and in the other hand, the vision of the modernists.

Keywords: Art Criticism. Paradigms of Quality. Oscar Guanabrinho. Modernism.

1. Introdução

A crítica de arte sempre suscitou controvérsias. De grande relevância para a cultura brasileira foi o embate entre a crítica dita conservadora e os defensores do movimento que culminou com a Semana de Arte Moderna de 1922, no contexto de sua evolução histórica e que pressupõe escolhas: “[...] não há história sem crítica e sem espírito seletivo”. O estudo do passado permite compreender sua natureza em profundidade, dar-lhe “um sentido e uma significação” e, concomitantemente, a história e a crítica só se justificam enquanto existirem “conscientemente sob o signo da *qualidade*”, não importando as variações individuais e temporais do conceito de qualidade, pois a seleção e as escolhas ocorrem no mesmo nível. O importante “[...] é que a consciência de qualidade esteja presente, e não se deixe corromper, no trabalho do historiador e do crítico [...]” (MARTINS, 2002, p. 13).

Este trabalho pretende analisar as diferentes concepções da qualidade artística no Brasil sob dois pontos de vista paradigmáticos na década de 1920. De um lado a visão de Oscar Guanabrinho e de outro, a visão dos modernistas.

As duas primeiras décadas do século XX no Brasil foram marcadas por diferentes posições no debate da cultura brasileira diante dos diversos movimentos artísticos, literários e

musicais (expressionismo, dadaísmo e futurismo, entre outros). Impunha-se o reexame de tudo com a tomada de novas posições, no caso do movimento Modernista. O debate entre os partidários de uma visão estética tradicional e os partidários de uma estética dita modernista foi empenhado com calor e com passionalidade virulenta naquela época e persiste atualmente como tema importante dos estudos brasileiros. Isso por que as mudanças propostas na linguagem cultural pressupõem o reflexo de modificações comportamentais da sociedade envolvida ou a pretensão de transformá-la mediante a consumação, como reflexo, da arte no comportamento e no gosto daquela sociedade com a qual a linguagem cultural busca interagir.

Oscar Guanabarro estabeleceu um debate da maior importância para as artes e cultura brasileiras da segunda metade do século XIX a fins da década de 1930. Abordou, em seus textos críticos, assuntos com grande amplitude de temas correlacionados com as artes, desde a arquitetura de salas de concertos até a pedagogia do ensino do piano. Não se limitou, entretanto, a meros aspectos técnicos dos temas artísticos que comentava. Guanabarro postou-se de forma emblemática quanto aos aspectos comportamentais, morais e sociológicos da sociedade carioca naquele período. Relatou de maneira precisa a sociedade artística do Rio de Janeiro. Por isso, é considerado “[...] o fundador da crítica especializada no Brasil, [pois] [...] até então, a crítica era exercida pelos folhetinistas, escritores e/ou jornalistas que, em sua grande maioria, frequentavam as páginas dos periódicos sem assinar os textos” (GIRON, 2004, p.16). Foi um crítico implacável da chamada arte moderna desde os seus primórdios até o seu clímax, na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922.

Oscar Guanabarro de Sousa Silva nasceu em Niterói, em 29 de novembro de 1851, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 17 de janeiro de 1937. Foi o mais notável crítico musical de sua época, na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império e da República, atividade que exerceu durante cerca de meio século. Além de jornalista, foi também funcionário público e comediógrafo. Em atividades pedagógicas, foi professor de piano. Sobre esse tema, produziu artigos didáticos. Era um ferrenho defensor da escola musical italiana em contraposição à estética wagneriana. Autor de um Dicionário Enciclopédico Musical, com mais de oitenta mil verbetes.

A apreciação detalhada da sua produção crítica no que tange à música consolida-se, de fato, tornando-se Guanabarro, ainda segundo Giron (2004, p. 201), uma “[...] autoridade no assunto nas próximas décadas”, diferenciando-se “dos críticos diletantes do século XIX”. Dessa perspectiva, desponta como o primeiro e mais importante crítico profissional brasileiro de arte de sua época. Sua disciplina como crítico musical era invejável. Ouvia as óperas até o fim, “[...] aproveitando os intervalos para notas rápidas sobre o joelho”.

Somente depois do espetáculo assumia a impressão do conjunto e procedia ao seu julgamento definitivo, conforme noticiou o *Jornal do Commercio* de 17-01-1937, dia do seu falecimento.

2. A visão de Guanabarro

Na perspectiva de Guanabarro, os críticos deveriam abster-se de quaisquer interesses como os pessoais, os políticos e os ideológicos, entre outros no processo de julgamento da arte. A obra analisada, criticada, deve ter, para o crítico, autonomia estética, visto que, de acordo com suas próprias palavras em sua coluna *Bellas-Artes*, publicada no jornal *O Paiz* de 30-6-1887, “[...] a obra de arte tem influência direta sobre as manifestações do espírito e diante de um quadro a nossa imaginação segue subjetivamente aos impulsos que lhe imprime a percepção do belo”. Por meio dessas circunstâncias é que se há de entender a crítica brasileira de arte, notadamente a da música. No exercício a que se dedicavam talentos da estatura de um Machado de Assis, percebe-se “[...] a tentativa sincera de chegar a uma arte que o maior escritor brasileiro persegue. É indiscutível. Mas dos que se distinguiram, o mais profissional é sem dúvida Oscar Guanabarro”. Lecionava piano e entendia de harmonia como um acadêmico. Manteve debate com Alberto Nepomuceno “[...] como um profissional *vis à vis* com as teorias do outro. Mas também, *vis à vis* com o *métier* necessário [...]” (SQUEFF E WISNIK, 2004, p. 107).

Assim, ainda de acordo com os autores citados no parágrafo precedente (2004, p. 114), “[...] considerado isoladamente, Guanabarro foi um crítico avançado para seu tempo: reivindicou para sua condição um profissionalismo que sequer era encarado seriamente por parte da comunidade”. Dessa forma, “[...] militou na imprensa diária opinando e discutindo com todas as consequências possíveis de seu engajamento. Foi o maior representante da opinião musical do Brasil na época”. É nesse contexto que se estabelece um paradigma de *qualidade* da arte apreciada por Guanabarro e seu público que é, paralelamente, o reflexo da atividade da crítica que deveria pautar-se por rígidos princípios tanto técnicos quanto morais. Para o autor, citando Kant em seu artigo no jornal *O Paiz* de 30-6-1887, “[...] o gosto [...] é a faculdade de julgar pela *satisfação* livre de todo o interesse. O objeto dessa satisfação é o belo”.

3. A visão modernista

O Movimento Modernista, com a Semana de Arte Moderna de São Paulo, tem sido considerado o evento de maior relevância no campo das artes no Brasil no século XX. Os

modernistas paulistas desejavam uma ruptura com a linguagem artística anterior com o propósito aparente de recuperar certo “tempo perdido”.

Grosso modo, o centro da questão era o estabelecimento de uma linguagem artística genuinamente nacional e, para tanto, havia a necessidade de se romper com o padrão estético como herança da civilização européia. Os artistas nacionais estudavam e desenvolviam suas técnicas nas escolas da Europa e, sem uma quebra definitiva com os padrões europeus, seria impraticável a consolidação de uma arte brasileira.

Evidente que a nova linguagem estética fora também importada em conformidade com as tendências modernizantes européias: futurismo, dadaísmo, etc. A diferença é que, segundo as novas tendências, a produção artística se “libertava” dos padrões e processos de produzir e de perceber a arte: proporcionalidade e equilíbrio formal nas artes plásticas, abdicação da tonalidade na arte musical, etc.

A desconstrução da forma facilitava a construção de expressões artísticas diversas que poderiam, de qualquer modo, serem classificadas de brasileira para um povo que perdera o elemento agregador da nacionalidade antes representada pelo monarca deposto. Havia, portanto, uma questão ideológica subjacente.

Guanabarro advogava uma postura da crítica totalmente independente de tais influências.

4. A questão da qualidade

Retornando ao pensamento de Martins citado na seção introdutória, a história inexistente sem o concurso da crítica e do espírito seletivo. Crítica e espírito seletivo remetem invariavelmente a escolhas que pressupõem critérios para a seleção baseados em avaliações apropriadas que se justificam na consciência da *qualidade*. A conceituação de Martins fica bastante clara quando retira do processo as variações individuais e temporais do conceito de qualidade, visto que a ocorrência da seleção e das escolhas encontram-se niveladas na consciência, na idéia do avaliador.

Guanabarro, ainda em *O Paiz* de 30-6-1887, afirmava que “o crítico que aprecia as boas ou más qualidades de uma obra de arte – não é um crítico. Diante da matéria que tem que ser julgada, o crítico é um ser pensante, sujeito às modificações que a arte pode imprimir-lhe na alma”, adotando um sentido transcendente para essas escolhas sendo, portanto, que as variações do gosto são componentes da estrutura crítica. Ou seja:

Se essas manifestações podem dar um prazer, necessariamente o contrário pode produzir uma irritação; e todo o organismo disposto convenientemente para receber as impressões da arte está sujeito às variações do gosto.

Não nos neguem, portanto, o direito de nos submeter às influências das artes e deixar o nosso espírito livremente sujeito ao seu poder inexplicável.

A aparência de uma obviedade irrelevante é, entretanto, desconcertante. Ora, se se admite que haja uma percepção do Belo, há que se admitir, em contrapartida, também uma percepção do seu contrário, o disforme e, conseqüentemente, as diferentes nuances da variação do gosto. Parece muito mais a defesa de um princípio do seu direito, como de resto de qualquer pessoa, de gostar, quando da percepção de enlevo do seu espírito diante de algo que considera belo e, por outro lado, não gostar e afastar-se da percepção causadora do desgosto.

Ora, ao comentar que os trejeitos de uma pianista durante a execução de uma peça tirava a concentração no conteúdo musical, Guanabarro debita a expressividade da executante na sua apreciação artística. Benetti Jr. (2011, p. 2), citando Juslin (2003, p. 276) repercute essa avaliação no sentido de que a expressividade é “[...] um conjunto de qualidades perceptíveis que refletem relações psicofísicas entre propriedades objetivas da música e impressões subjetivas do ouvinte”, consistindo num fenômeno multidimensional constituído de “cinco componentes básicos: regras generativas, expressão emocional, variações randômicas, princípios de movimento e imprevisibilidade estilística”.

O paradigma de *qualidade* modernista, no entanto, é revestido de um profundo caráter ideológico, mesmo que por simples retórica, não admitem qualidade no *antigo*. Ou por se tratar de padrões universais a serem rompidos ou por tratarem de temas não identificados com o popular ideológico. Exemplo dessa retórica é o debate promovido por Menotti del Picchia em carta aberta à Guanabarro na qual o argumento principal é a idade do crítico e sua defesa intransigente de Carlos Gomes.

Ora, se Carlos Gomes se utilizava de temas nacionais e personagens populares como o indígena em *O Guarani* e o negro em *O Escravo*, a diferença paradigmática para o Juca Mulato, personagem de del Picchia, desconsiderando-se o formato da abordagem, era simplesmente ideológico, padrão de *qualidade* repudiado por Guanabarro por contaminar a crítica.

Oscar Guanabarro, em sua coluna *Pelo Mundo das Artes* publicada no *Jornal do Commercio*, em 15-03-1922, insiste em obter dos modernistas uma filosofia, uma definição de princípios, enfim, um padrão no qual se basear (“não se define, não estabelece princípios, não esclarece qual seja o rumo que essa pretensa arte moderna deve tomar”).

É neste contexto, de ausência de princípios e indefinição de rumos que Guanabario critica a *Última encarnação de Fausto*, de Renato Vianna e que mostra o contraste que se pretende demonstrar. A peça, classificada como *drama estático musical* atribuída pelo próprio autor foi repudiada pelo crítico tanto devido ao formato (Modernista) quanto pelos pretensos rasgos de intelectualismo e genialidade do autor que, sarcasticamente, seria alguém “[...] de muito espírito, cintilante, original, penetrante, sentencioso e novo, sobretudo quando quer ser espirituoso, cintilante, original, penetrante, sentencioso e novo [...]”, conforme publicou na coluna Pelo Mundo das Artes do *Jornal do Commercio*, em 20-12-1922. Guanabario não identificou nada de novo seja do ponto de vista técnico, na estrutura, seja na progressão da ação, seja em qualquer outro elemento da arte dramática, exceto pela transgressão aos padrões correntes com a qual Vianna objetivava modernizar a linguagem teatral ora por meio de rearranjos das locações dos atores, retirando a estrela do centro do palco a ela reservado pelos códigos vigentes, ora alterando a iluminação e sons (trilha sonora), ora enfatizando determinadas características da cena. A pulsação da cena é que deveria guiar a atuação, mesmo que o ator, em alguns momentos, interpretasse de costas para o público, o que era inaceitável para a época.

5. Conclusão

Como visto, a crítica de arte ou é pautada da perspectiva da autonomia estética da obra analisada, segundo a visão de Oscar Guanabario e, neste caso, a crítica busca extrair dessa autonomia, sua análise dos detalhes do Belo para informar, demonstrar, ensinar, educar e desenvolver o gosto do público consumidor da crítica ou, então, ao contrário, a crítica busca extrair as contribuições da obra para um determinado propósito. Neste caso, a análise crítica visa educar num contexto diferente do puro gosto artístico, visto que a obra torna-se meio para o propósito que pode abranger diferentes modalidades e visões de mundo, isto é, pode objetivar propósitos, políticos, ideológicos, comerciais, entre outros.

Portanto, viu-se duas diferentes abordagens, ou paradigmas para o julgamento no âmbito da qualidade: uma transcendente outra imanente. Em outras palavras, uma obra de arte, segundo o paradigma Guanabariano, deve impactar o indivíduo e o senso da *qualidade* é o grau deste impacto. Do outro lado, deve impactar no resultado pragmático, no alcance dos objetivos a que se propõe. No caso do modernismo, se a obra não produzisse ruptura com o padrão estético anterior, não possuiria a qualidade de moderna, independente da qualidade artística.



Referências

BENETTI JUNIOR, Alfonso. Expressividade e performance pianística: estratégias de estudo. *Performa'11- Encontros de Investigação em Performance*, 19-21, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Aveiro, Portugal, maio 2011.

GUANABARINO, Oscar. Bellas Artes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 jun. 1887. Bellas Artes, p. 2.

_____. Pelo Mundo das Artes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1922. Pelo Mundo das Artes, p. 2.

_____. Pelo Mundo das Artes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1922. Pelo Mundo das Artes, p. 2.

GIRON, Luís Antonio. *Minoridade crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da corte: 1826-1861*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MARTINS, Wilson. *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

SQUEFF, Ênio; WISNIK, José Miguel. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004.